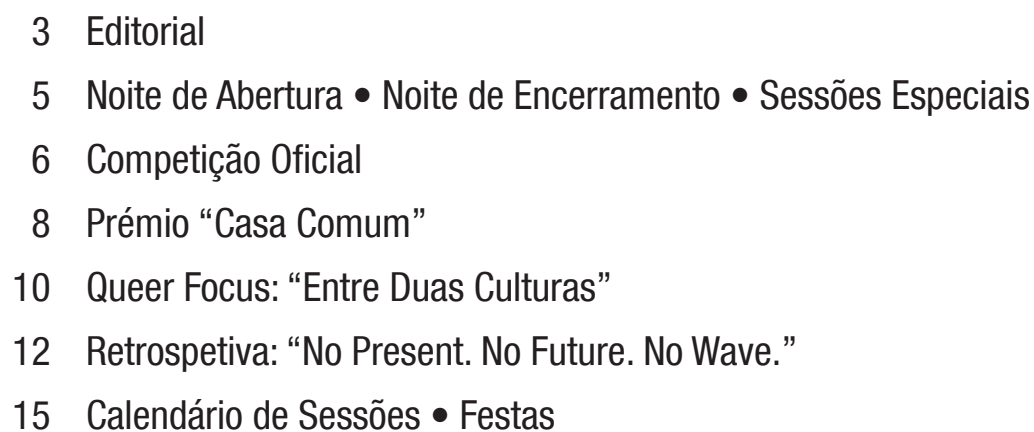


FESTIVAL
DE CINEMA
INTERNACIONAL
QUEER

Queer Porto 9

10-14 outubro 2023
Batalha Centro de Cinema
Reitoria da Universidade do Porto



Praça da Batalha 47
4000-101 Porto
Tel. + (351) 225 073 308
Estação Metro: Bolhão
www.batalhacentrodecinema.pt

Bilhete inteiro: 4,00€
3,00€ Bilhete Tripass
2,00€ Bilhete Cartão Porto., estudantes, +65 anos,
desempregados, colaboradores da CMP e Ágora
As sessões e eventos na Cafeteria & Bar são de entrada
gratuita

Horário bilheteira:
Terça-feira: das 14h00 às 22h00
Quarta e quinta-feira: das 11h00 às 22h00
Sexta e sábado: das 11h00 às 22h00
Bilheteira online: BOL

Praça de Gomes Teixeira
4099-002 Porto
Tel. + (351) 220 408 000
Estação Metro: São Bento
www.sigarra.up.pt/reitoria
Entrada livre para as sessões e debates do Queer
Porto 9, dentro da lotação estipulada

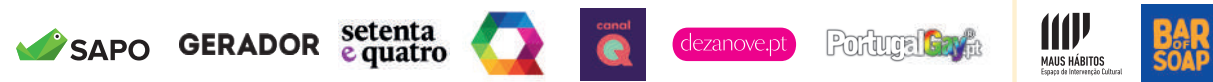
Rua Passos Manuel 178, 4º
4000-382 Porto
Tel. + (351) 937 202 918
Estação Metro: Bolhão
www.maushabitos.com

Rua do Bolhão 231
4000-111 Porto
Tel. +(351) 913 531 385
Estação Metro: Trindade
www.barofsoap.pt

Diretor Artístico: João Ferreira
Programadores: Constança Carvalho Homem, Cristian Rodríguez,
Daniel Pinheiro, Hilda de Paulo, João Ferreira

Direção: Cristian Rodríguez, Daniel Pinheiro
Produção: Cristian Rodríguez, Daniel Pinheiro
Consultoria: António Fernando Cascais
Movimento de Cópias: Daniel Pinheiro
Hospitalidade: Cristian Rodríguez
Imprensa, Comunicação e Redes Sociais: Inês Sena
Design Gráfico: Ivo Valadares
Website: João Pascoal Studio, After You
Tradução: Cristian Rodríguez, João Ferreira
Tradução Legendagens: All-in Global, Ana Varela, Manuela M. Tavares, Maria Beatriz Rodrigues, Patricia Felício, Pedro Cerdeira, Pedro Garcia, Susana Serrão, Vanessa Careta
Música Trailer: Pantha du Prince
Impressão: AgoraLx

Organizado por:
Associação Cultural Janela Indiscreta
Casa do Cinema
Rua da Rosa, 277, 2.º
1200-385 Lisboa
Tel.: + (351) 91 610 69 04
info@queerlisboa.pt



Contemplar Além-Fronteiras

João Ferreira
Diretor Artístico do Queer Porto

O que é que informa o nosso olhar? Sobre que palco é que falamos? Tem sido um debate recorrente aquele que se refere a uma reflexão e análise a um chamado “lugar de fala”, e que transporta consigo importantes questões de representatividade e legitimidade na criação artística queer. Por outro lado, uma discussão igualmente pertinente e transdisciplinar que acarreta noções que vão da semiótica à filosofia, diz respeito ao modo como olhamos a realidade, como interpretamos um objeto artístico, ou seja, o que é que nos informa nessa leitura. A História, com todas as suas leituras e ficções, as leis, a medicina – e a ciência de um modo geral –, as organizações e “preceitos” sociais e até afetivos; em suma, os modos como devemos interpretar, olhar e estar na sociedade, o modo como amamos e nos relacionamos, foram quase exclusivamente ditados pelo homem, de “h” minúsculo – o homem branco, heteronormativo. Vivemos em larga medida condicionados por estas conceções, fomos educados – e ludibriados –, nessa lógica fechada de pretensão universal. Ainda hoje é assim.

Em particular desde a década de 60, com o eclodir dos movimentos sociais das chamadas minorias sexuais e de género, dos movimentos feministas, das pessoas negras ou indígenas, entre outros, esse olhar é colocado em causa. As Histórias, com todas as suas agressões e mentiras, são denunciadas e levantam-se vozes para a edificação de outras Histórias, mais justas, abrangentes. Mais verdadeiras. E aqui entra o “lugar de fala” de quem, durante séculos, se viu oprimido e silenciado na sua voz. Afinal, qual é a sua verdade sobre a (sua) História e como viveram e vivem estas ditas “minorias” dentro de uma estrutura de violência que as condicionou e amordaçou?

Num mundo onde as “minorias” raramente se viram representadas e, quando o foram, foi a partir de uma visão oportunista, enviesada, ou até exótica em muitos casos; onde esse olhar sobre elas procurava sobretudo defini-las de fora, a questão do lugar de fala e da representatividade são da mais central justiça e a única forma de repor uma verdade.

A indústria do cinema é ainda hoje largamente dominada por esta lógica patriarcal. Uma lógica à qual o próprio cinema queer não tem escapado. Basta pensar em como é notícia ainda hoje uma realizadora mulher integrar a competição de Cannes, ou uma pessoa negra subir ao palco dos Óscares, ou as lutas recentes no meio artístico por parte de pessoas trans para conquistarem lugares à frente e atrás das câmaras. Mas mesmo quando, em termos de criação, há barreiras que vão sendo transpostas, existem aquelas outras, que vão do financiamento, à distribuição e circulação onde, de novo, estas obras são submetidas a lógicas de silenciamento ou até de apropriação por parte desse mesmo sistema capitalista e patriarcal. Sempre a questão do poder.

Olhando a evolução do cinema queer – e mais alargadamente a sua produção audiovisual –, na última década, somos instigados a refletir de novo sobre o lugar de fala e o que informa o nosso olhar. Fatores tão diversos como a crescente afirmação de todos os espectros individuais e coletivos das realidades LGBTQI+ que

os levaram a conquistar um lugar de fala no cinema, ou por outro, um acesso mais facilitado a meios de produção, permitem-nos que hoje seja cada vez mais frequente vermos um cinema de mulheres, de pessoas negras, trans, indígenas, um cinema reflexo de múltiplas realidades geográficas, de periferia, de fronteira. Por último, a disseminação destes cinemas leva-nos de novo à reflexão sobre o que realmente informa o nosso olhar. Se o movimento feminista havia reivindicado um “olhar feminino” em contraponto a esse outro, masculino, que dominou o pensamento e as artes durante séculos, é cada vez mais legítimo e justo falarmos hoje da importância central de um olhar queer.

Fora de uma lógica binária, e procurando assim abarcar vivências que se viram desde sempre caladas, um olhar queer sobre o mundo alimenta o cinema de uma dimensão totalmente nova. Fomos educados a olhar o mundo sob uma lógica totalmente enviesada e altamente discriminatória. E isso vale para o modo como olhamos, por exemplo, para realidades e fenómenos específicos como a Guerra na Ucrânia, as alterações climáticas, o crescimento da extrema-direita na Europa, ou as rotas migratórias, que dominam a agenda contemporânea. Libertarmo-nos desse olhar patriarcal, ou binário, sobre estes fenómenos e outros, ajuda-nos a chegar onde é realmente importante: ao indivíduo, às vidas, a cada realidade específica e idiossincrática, no que ela tem de melhor e pior. E só assim, fazendo este caminho, poderemos aproximar-nos a uma justiça e a uma verdade. É não aceitar que exerçam poder sobre nós.

No movimento de um novo fôlego que o cinema ganha após o período de pandemia, as presentes edições do Queer Lisboa e do Queer Porto procuram fazer justiça a esse olhar queer, um olhar não polarizado, além-fronteiras. No Porto, a retrospectiva que este ano dedicamos ao movimento *no wave* nova-iorquino, que se materializa num cinema quase exclusivamente de mulheres, denuncia e subverte esse olhar machista e patriarcal, propondo antes um novo olhar e uma reivindicação de temas que vão da precariedade à criação artística, da gentrificação à violência sexual sobre mulheres, das relações às drogas. E o programa do Queer Porto prossegue na exploração destas e outras temáticas, seja refletindo sobre esse “olhar oposto” que nos propõe bell hooks, seja através desse lugar fronteiriço habitado por Gloria Anzaldúa, que levanta questões de território e identidade, passando pelos movimentos migratórios para o espaço europeu e as problemáticas levantadas pelas questões de discriminação de raça, etnia, identidade sexual e de género. O cinema que propomos este ano passa ainda por esses muitos territórios habitados por pessoas e comunidades LGBTQI+, espaços de performance e subversão política, outros de ruralidade onde a ausência de referentes torna urgente a criação de novas formas de estar, a emergência na criação de espaços seguros e de sobrevivência, as histórias dos passados das nossas comunidades, essenciais para entendermos o nosso presente. Vidas e vozes que ora sussurram, ora gritam, habitam as salas do Queer Porto 9, contra o apagamento e a indiferença. Pela respiração, pela construção de caminhos melhores.



New York Our Time



A Casa Formosa.

Bons quartos.
Para Todos (os seres)
e Todas (as pessoas).
Prontes!

@acasaformosa



Noite de Abertura



Tudo o que Você Podia Ser

Tudo o que Você Podia Ser
Terça-feira 10 outubro • Batalha Centro de Cinema, Sala 1, 21h30
Ricardo Alves Jr. (Brasil, 2023, 83') • Docuficção. Leg. Inglês. M/16

É o último dia de Aisha em Belo Horizonte. Acompanhamos a despedida na companhia das suas melhores amigas: Bamma, Igui e Will. Por meio do cotidiano e dos encontros entre as personagens, o filme tece um retrato afetuoso sobre a família que se escolhe constituir através do valor da amizade.

Noite de Encerramento



Commitment to Life

Commitment to Life
Sábado 14 outubro • Batalha Centro de Cinema, Sala 1, 21h30
Jeffrey Schwarz (EUA, 2023, 115') • Doc. Leg. Português. M/16

No início dos anos 1980, um jovem médico da UCLA reporta uma estranha desordem de imunidade entre homens gay – o primeiro sinal para o mundo, da epidemia que estava para vir. Nas décadas seguintes, Los Angeles viria a ter um papel central na luta contra o VIH/sida, ao passo que médicos, estrelas de cinema, magnatas da indústria e ativistas uniram esforços para tentar travar a epidemia e mudar a percepção do mundo sobre a mesma. *Commitment to Life* documenta este período dramático – Rock Hudson e Easy-E, Elizabeth Taylor e David Geffen, a Red Ribbon e Philadelphia, ACT UP e APLA – através das histórias daqueles que o viveram. Recorrendo a entrevistas na primeira pessoa, raras imagens de arquivo e de ativismo, e ações de celebridades, *Commitment to Life* recupera uma das histórias mais cativantes da epidemia – de forma que nada disto se repita.

Sessões Especiais

Feminism WTF
Katharina Mückstein (Áustria, 2023, 90') • Doc. Leg. Inglês. M/16
Sábado 14 outubro • Batalha Centro de Cinema, Sala 1, 17h00
O que queremos realmente dizer quando usamos a expressão “feminismo”? Através de experimentos sociais, intervenções performativas e entrevistas com todo o tipo de profissionais, da biologia, à sociologia e ao ativismo, poetas e cientistas raciais, rapidamente fica claro neste documentário que não se trata apenas de género, mas também de raça, classe, capitalismo, representação, sistemas binários e história colonial. Quem disse que o ativismo político não podia ser uma festa intelectual?



Feminism WTF

Music Is My Boyfriend
Robert Kennedy (Canadá, 2005, 38') • Doc. Curto. Leg. Inglês. M/16
Sexta-feira 13 outubro • Batalha Centro de Cinema, Cafetaria & Bar, 22h00
Music is my Boyfriend retrata os primeiros anos dos The Hidden Cameras. Intercalando entrevistas com o elenco original da banda, imagens de arquivo dos bastidores de uma gravação e raros filmes em 16mm de dois dos seus concertos ao vivo em igrejas, o documentário é simultaneamente uma carta de amor a uma banda querida e uma cápsula do tempo à cena *underground* de uma Toronto em ebulição no início do século XXI.



Music Is My Boyfriend

Un prince
Pierre Creton (França, 2023, 82') • Longa-Metragem Fic. Leg. Inglês. M/16
Sábado 14 outubro • Batalha Centro de Cinema, Sala 1, 19h15
Pierre-Joseph ingressa num centro de formação para se treinar como jardineiro. Lá conhece uma série de personagens – Françoise Brown, a diretora, Alberto, o professor de botânica, e Adrien, o seu patrão – que serão decisivas no seu aprendizado e no eclodir da sua sexualidade. Passados quarenta anos, surge Kutta, o filho adotivo de Françoise Brown, de quem ele tanto ouvira falar, mas nunca havia conhecido. Só que Kutta, que agora é o dono de um estranho castelo, parece estar à procura de algo mais do que apenas um jardineiro.



Un prince

Competição Oficial

A Competição Oficial volta a misturar ficções e documentários com o intuito de compreender as realidades dos indivíduos e das comunidades queer. *Carvão*, primeira longa de uma realizadora a quem seguimos de perto há anos, é um bom exemplo da complexidade cada vez maior daquelas: a força crítica da sátira de Carolina Markowicz radica em como questiona a manipulação dos poderes políticos e religiosos, a hipocrisia dos estados e a violência que ameaça os nossos corpos. Considerações que, pelo contrário, diluem-se no clube noturno epicentro do documentário *The Last Year of Darkness*. Refúgio de diversão sem preconceitos, Funky Town é uma utopia para os outsiders da gigantesca cidade de Chengdu, uma amálgama das vicissitudes que a juventude chinesa encara hoje e, também, uma ode contra a gentrificação. Em registo lésbico e adaptado a um urbano relato de encontros e desencontros na Barcelona atual, *La Amiga de Mi Amiga* é uma homenagem às autorreflexivas *Comédias e Provérbios* de Éric Rohmer. O *debut* de Zaida Carmona vem assinado por uma equipa integralmente queer e navega, com leveza pop, entre o humor intencionado e o involuntário. Por seu lado, o mestre francês referente para Gaël Lépingle parece ser Jacques Demy: se em *Une Jolie Vallée* quis render homenagem aos musicais daquele, a sua nova longa parece ambientada numa vila de atmosfera similar a Rochefort. *Des garçons de province* troca aquelas *demoiselles* por jovens *twinks* num conto de três capítulos + epílogo

que joga à melancolia que despertam os contrastes (fugir/estar de passagem, mascarar-se/desnudar-se, dançar de noite/deambular de dia). O mexicano *Dos Estaciones* fala de dualidades semelhantes (masculino/feminino, verão/inverno, seco/molhado). É uma obra de combustão lenta que acaba por nunca explodir e que descansa na contida interpretação de Teresa Sánchez, encarregada de garantir a sobrevivência da sua comunidade com paciência e resiliência. Ainda no país latino, e ainda por falar em resiliência, foco para a incansável ativista Kenya Cuevas no documentário que leva o seu nome, *Kenya*, algo assim como o *Indianara* mexicano: uma viagem às realidades mais perigosas e esquecidas do Distrito Federal, num país que, a seguir ao Brasil, é o segundo do mundo que mais transsexuais mata. Por último, mais dois filmes sobre legados e personalidades dignos de destaque. O primeiro, *Vicente Ruiz – A Tiempo Real*, sobre o artista que no Chile dos anos 80 respondeu com as suas performances qual agitador político, qual exorcismo artístico, à ditadura de Pinochet. O segundo é o inclassificável *A Hawk as Big as a Horse*: Lydia é a fundadora de um universo próprio, a meio caminho entre *Twin Peaks*, a ornitologia e os subúrbios de Moscovo. Ao entrar nele, deparamo-nos com fascinantes perguntas, mas não encontramos respostas. Entendemos, porém, que à nossa realidade falta-lhe mistério, e aos nossos imaginários fantasia. Celebremos, por isso, o cinema. **Cristian Rodríguez**

A Hawk as Big as a Horse

Sasha Kulak (França, 2022, 76') • Doc. Leg. Inglês. M/16

Terça-feira 10 outubro • Batalha Centro de Cinema, Sala 1, 19h15
Quarta-feira 11 outubro • Batalha Centro de Cinema, Sala 1, 17h00

Lydia, ornitóloga bigénero, mora em Shcherbinka, um remoto subúrbio de Moscovo. Ao embarcar na tarefa de recriar *Twin Peaks*, a série de culto de David Lynch, decide criar Lara, uma boneca de silicone em tamanho real, da sua atriz favorita.

La Amiga de Mi Amiga

Zaida Carmona (Espanha, 2022, 85') • Longa-Metragem Fic. Leg. Inglês. M/16

Sexta-feira 13 outubro • Batalha Centro de Cinema, Sala 1, 19h15

Um jogo que começa quando Zaida, após uma separação, volta à cidade. Um conto moral que se passa nas casas de banho, nos lençóis e nas ruas de Barcelona. Uma comédia de situação lésbica de cinco vias, com a pop e a autoficção como panos de fundo.

Carvão

Carolina Markowicz (Brasil, Argentina, 2022, 107') • Longa-Metragem Fic. Leg. Inglês. M/16

Sexta-feira 13 outubro • Batalha Centro de Cinema, Sala 1, 21h30

Brasil, 2022. Numa área remota do interior de São Paulo, uma família rural que mora ao lado de uma carvoaria aceita a proposta de hospedar um misterioso estrangeiro. A casa depressa se torna num esconderijo, pois o suposto hóspede é um traficante muito procurado.

Des garçons de province

Gaël Lépingle (França, 2022, 84') • Longa-Metragem Fic. Leg. Inglês. M/16

Quinta-feira 12 outubro • Batalha Centro de Cinema, Sala 1, 19h15

Aldeias isoladas, tardes suspensas, desejos de aventura. Rapazes que gostam de rapazes e o transformismo que os une como uma fórmula secreta.

Dos Estaciones

Juan Pablo González (México, França, EUA, 2022, 99') • Longa-Metragem Fic. Leg. Inglês. M/16

Quarta-feira 11 outubro • Batalha Centro de Cinema, Sala 1, 19h15

Nas bucólicas colinas dos planaltos do Jalisco, a obstinada empresária María García luta contra o iminente colapso da sua fábrica de tequila.

Kenya

Gisela Delgadillo (México, 2022, 90') • Doc. Leg. Inglês. M/16

Quarta-feira 11 outubro • Batalha Centro de Cinema, Sala 1, 21h30
Sexta-feira 13 outubro • Batalha Centro de Cinema, Sala 1, 17h00

Após testemunhar o assassinato da sua amiga, Kenya, uma mulher trans trabalhadora do sexo, embarca numa jornada de luta e clamor por justiça que a levará a enfrentar o medo e a dor de se ver refletida naquele desfecho trágico.

The Last Year of Darkness

Ben Mullinkosson (China, EUA, 2023, 95') • Doc. Leg. Inglês. M/16

Terça-feira 10 outubro • Batalha Centro de Cinema, Sala 1, 17h00
Quinta-feira 12 outubro • Batalha Centro de Cinema, Sala 1, 17h00

À medida que a cidade de Chengdu muda, o futuro do amado clube Funky Town não é certo. Para um vibrante grupo de DJs, *drag performers*, amantes, *ravers* e *skaters*, este é um santuário das festas *underground* e um lugar onde lhes é permitido brilhar depois do por-do-sol. É o único espaço que os aceita como quem realmente são, enquanto fogem dos seus problemas durante o dia.

Vicente Ruiz - En Tiempo Real

Matías Cardone, Julio Jorquera (Chile, 2022, 63') • Doc. Leg. Inglês. M/16

Quinta-feira 12 outubro • Batalha Centro de Cinema, Sala 1, 21h30

Com recurso a raros materiais de arquivo, o filme acompanha Vicente Ruiz, um inquisidor performer que iniciou a sua carreira no Chile durante a ditadura de Pinochet. Uma exploração do que significa ter um papel social no mundo artístico, de um passado de censura a um presente onde a arte se tornou complacente e institucionalizada.

Júri Competição Oficial



Dori Nigro é performer e arte/educador. Natural de Pernambuco, nordeste brasileiro, enveredou pelas artes através do teatro amador comunitário e acedeu aos estudos por meio de políticas afirmativas de cotas sócio-raciais. Coursou doutoramento em arte contemporânea. Mestrado em práticas artísticas contemporâneas, especialização em arte-educação, bacharelado em comunicação social e licenciatura em pedagogia. É membro do coletivo Tuia de Artíficos e da União Negra das Artes (UNA).

© José Sérgio



Isabel Correia nasceu e cresceu no Porto. Desde a revolução de abril que afirmava querer ser advogada, mas adorava comunicação, escrevia textos, devorava livros e era louca por televisão. Estudou Direito na Universidade de Coimbra, mas, já no final da licenciatura, conseguiu um lugar de produtora executiva na RTP Porto, um edifício que, com a sua enorme antena de emissão, sempre a fascinou. Trabalha há 38 anos na RTP, no Centro de Produção do Norte, onde passou por muitos projetos de televisão e rádio, de gestão e mesmo pela direção do referido centro durante quase uma década. Faz atualmente um Doutoramento em Ciências da Comunicação na Universidade do Minho, para estruturar o seu pensamento sobre temas desta área que sempre a estimularam.



Tânia Dinis, nascida em 1983, é Mestre em Práticas Artísticas Contemporâneas pela FBAUP (2015) e licenciada em Estudos Teatrais pela ESMAE (2006). O seu trabalho atravessa diversas perspetivas e campos artísticos – fotografia, performance, cinema, partindo de imagens de arquivo de família, pessoais ou anónimas, da sua apropriação, ou outros registos de imagem real. *Não são favas, são feijocas* (2013), premiada em vários festivais de cinema, seguida de outros trabalhos – *Arco da Velha* (2015), *Laura* (2017) - prémio Arquivo em Cartaz - Festival Internacional de Cinema de Arquivo, Brasil. *Lurdes* (2022), prémio no FUSO Vídeo Arte Lisboa. *Catraias* (2023), com produção do Curtas Vila do Conde.



A Hawk as Big as a Horse



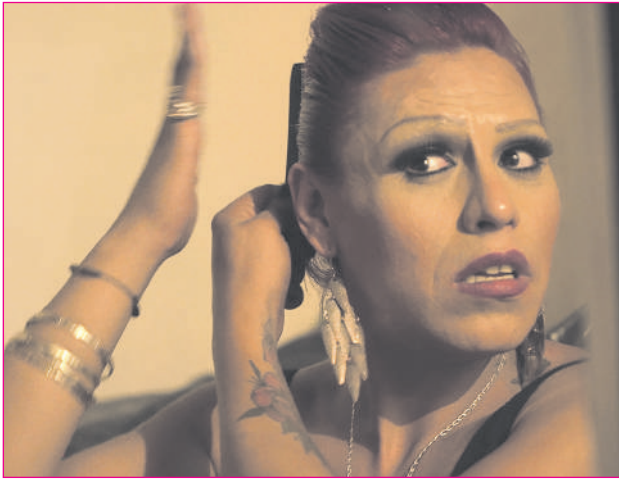
Carvão



Des garçons de province



Dos Estaciones



Kenya



La Amiga de mi Amiga



The Last Year of Darkness



Vicente Ruiz - A Tiempo Real

Prémio “Casa Comum”

O Prémio Casa Comum permite auscultar o panorama do cinema queer nacional em curta-metragem: como se experimenta e amplia (fintando classificações) num formato que é território fértil para jovens cineastas, ao mesmo tempo que reúne cada vez mais o seu próprio público e reconhecimento. *Apontamentos de Curva_Correntenza*, de Flavia Regaldo, uma espécie de catálogo musicado de possibilidades eróticas, abala o espectador desprevenido, mostrando que a aquarela animada e o cinema explícito podem coincidir de forma reverberante. *Dildotectónica*, de Tomás Paula Marques, assume-se como híbrido entre o ensaio e a lenda histórica. Em registo mordaz e onírico, é-nos apresentado o dildo, obscuro extensor do prazer, com as conceções, normas e mitos que em si cristaliza. *Dias de Cama*, de Tatiana Ramos, percorre a languidez de um verão passado entre a cidade e o campo, e assinala um regresso irónico ao filme mudo, com fortíssimas elipses que sempre perturbam a narrativa sugerida. *Entre a Luz e o Nada*, de Joana de Sousa, acompanha um jovem povoado pelo desejo de abdução; conhecemos os seus pares,

os seus lugares, as suas festas, a permanente expectativa de estar a ser observado por vida inteligente. *Tidy Bed*, de Danilo Bastos Godoy, abre as portas de uma casa à beira-mar num Natal fora de estação e aproxima-nos de um núcleo de amigos, ora celebrantes, ora torturados por uma ausência, repetindo gestos que nada restituem. *Mátria*, de Catarina Gonçalves, filma a ilha de São Miguel para, no arrebatamento do verde, dos promontórios e dos grandes corpos de água que três mulheres visitam, homenagear Natália Correia e os seus ondulantes, demiúrgicos poemas. Refiram-se ainda duas obras corajosamente autobiográficas: *Land Song*, de Inês Ariana Pereira, uma dedicatória ao amor vivido, ao amor futuro e à ideia de casa, assente num roteiro comentado de relances, beijos e paisagens partilhadas por duas raparigas, e *A Minha Raiva É Underground*, de Francisca Antunes, filme-performance que investiga e mapeia a cidade onde uma mulher, jovem e queer, foi violada, no que constitui um exercício de reapropriação do espaço e da memória. **Constança Carvalho Homem**

PRÉMIO “CASA COMUM” 1 (61’)

Quarta-feira 11 outubro • Batalha Centro de Cinema, Sala 2, 15h00

Mátria

Catarina Gonçalves (Portugal, 2023, 26’) • Curta Fic. Leg. Inglês. M/16

Uma viagem sensorial até ao ventre da ilha de São Miguel, onde Natália Correia, poeta, escritora e deputada portuguesa, nasceu há exatadamente 100 anos atrás. O filme, feito em sua honra, acompanha três mulheres que dão corpo ao seu espírito através de uma exploração do corpo feminino em diferentes fases da vida.

Apontamentos de Curva_Correnteza

Flavia Regaldo (Portugal, 2022, 7’) • Curta Amin. S/ diálogos. M/16

Quando é que a forma se desabriga? Tendo como base a premissa de se repensar o corpo como espaço crítico, esta animação porno de aquarelas movediças, explora tensões do corpo e desejo na sua antimatéria, nos cortes cegos das suas linhas e curvas, nas entrelinhas do não dito.

Land Song

Inês Ariana Pereira (Portugal, 2022, 8’) • Curta Exp. Leg. Português. M/16

Uma autoproclamação e anúncio de existência, um registo do afeto lésbico como cura, uma noite por dormir, uma paisagem de luz, uma canção de amor para a minha varanda, para as colinas e para ela.

Entre a Luz e o Nada

Joana de Sousa (Portugal, 2022, 20’) • Curta Fic. Leg. Inglês. M/16

Cosmos, golfinhos, solidão e techno. Borboletas, amantes e raves. Fechamos os olhos e viajamos por todo o universo em uma única noite.

PRÉMIO “CASA COMUM” 2 (64’)

Quinta-feira 12 outubro • Batalha Centro de Cinema, Sala 2, 15h00

Dias de Cama

Tatiana Ramos (Portugal, 2023, 20’) • Curta Fic. Leg. Inglês. M/16

As férias de verão levam Inês de volta à casa onde cresceu. No recobro recente de um luto familiar, seguimo-la no regresso à cidade onde vive. Uma onda de calor acompanha os seus passeios noturnos.

A Minha Raiva É Underground

Francisca Antunes (Portugal, 2023, 13’) • Doc. Curto. Leg. Inglês. M/16

A performer desenha um mapa enquanto escuta a ambiência sonora de uma cidade. Cria um lugar novo, imaginado, onde reflete sobre trauma e o seu paralelismo com a cidade.

Tidy Bed

Danilo Bastos Godoy (Portugal, Alemanha, Brasil, 2023, 15’) • Curta Fic. S/ diálogos. M/16

É possível identificar os fantasmas do nosso passado? Numa remota casa de praia, um jovem precisa de lidar com a própria família que esconde a tentativa de suicídio do seu primo mais velho.

Dildotectónica

Tomás Paula Marques (Portugal, 2023, 16’) • Docuficção Curta. Leg. Inglês. M/16

Nos dias de hoje, Rebeca tenta criar uma coleção de dildos de cerâmica não fálicos. Durante a Inquisição, Josefa encontra um vibrador que é usado no seu proibido relacionamento amoroso com Maria. Embora em cronologias diferentes, os caminhos de Rebeca e Josefa acabam por se cruzar.

Júri Prémio “Casa Comum”



Paula Guerra é Professora de Sociologia na Universidade do Porto e Investigadora no Instituto de Sociologia da mesma Universidade. É Professora Associada Adjunta do Griffith Centre for Social and Cultural Research da Griffith University na Austrália. É fundadora/coordenadora da Rede Todas as Artes e da KISMIF (kismifconference.com e kismifcommunity.com). É presidente da International Association for the Study of Popular Music (IASPM) Portugal e integra o *board* da Research Network de Sociologia da Arte da European Sociological Association. Paula é editora-chefe (com Andy Bennett) da revista da SAGE *DIY, Alternative Cultures and Society*.



Rita Aires é feminista, psicóloga e pós-graduada em Direitos Humanos. Interessa-se por política, educação, direitos sexuais, antirracismo, igualdade, diversidade e justiça social. É cofundadora do Observatório dos Direitos Humanos e dedica-se profissionalmente a mudar o mundo, atualmente com a Associação para o Planeamento da Família e com o Movimento SOS Racismo. É coautora dos livros *Isto não é um glossário: in/definições de géneros e sexualidades*, *De memória: História das lutas feministas e LGBTQIA+ em Portugal e divergentes*, editados pela gentopia.



Susana Serro, nascida no Porto em 1973, desde muito cedo se interessou pelas artes e pela descoberta do mundo. Apesar do seu percurso académico ter sido na área das ciências, o seu crescente interesse pelas artes visuais levou-a ao longo dos anos a colaborar com diversos festivais de cinema da cidade. Integrou a equipa da Unidade de Cultura da Universidade do Porto em 2013, onde desenvolveu diversas atividades de serviço educativo e culturais. Em 2018, esteve envolvida na criação da Casa Comum, projeto cultural da U.Porto, onde tem vindo a coordenar várias atividades ligadas ao cinema e audiovisuais, estabelecendo parcerias com os principais festivais e mostras de cinema nacionais.



Dias de Cama



Land Song



Apontamentos de Curva_Correnteza



Dildotectónica



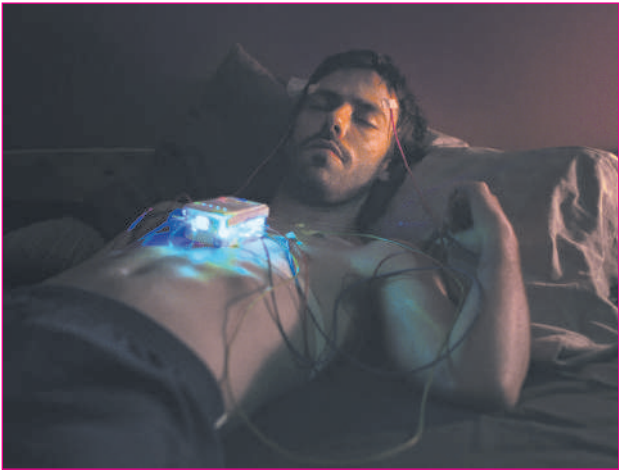
Mátia



A Minha Raiva É Underground



Tidy Bed



Entre a Luz e o Nada

Queer Focus: “Entre Duas Culturas”

“Entre Duas Culturas”

Hilda de Paulo

Programadora do Queer Porto

*Este é o meu lar / esta fina fronteira / de arame
farpado. // Mas a pele da terra não tem costuras.
– Gloria Anzaldúa, 1987*

Antes propriamente de apresentar um conteúdo dos filmes que compõem este ciclo, vale pontuar que a menção e o uso do termo “fronteira” está constantemente presente no nosso cotidiano, abarcando tanto fronteiras metafóricas como materiais em si. Mais do que uma linha de separação em dado espaço geográfico ou uma morada conflituosa – e não apenas de defesa – da vida política, o sentido de fronteira sofreu alterações ao longo do tempo, incorporando diversos novos elementos que respondem às necessidades de grupos em dado momento da história e a partir de determinadas práticas sociais.

Partindo da invenção humana de representar, organizar, controlar ou dominar determinado espaço territorial, a escritora chicana Gloria Anzaldúa (1942-2004), em seu livro *Borderlands/La Frontera: The New Mestiza* (1987), ainda não traduzido para o português de Portugal, vai examinar o espaço conflituoso de estar entre o Primeiro Mundo e o Terceiro Mundo, analisando o processo de produção de duas formas de habitar o mesmo espaço que mutuamente se excluem em seu desejo de forjar uma identidade. Ela observa que o efeito de um território em disputa vai gerar um conflito permanente, o qual separa populações, desconhece o pertencimento social de determinados habitantes, instala a desigualdade por motivos de raça/etnia, onde tal conflito encarna na pele para fixá-lo depois na divisão social do trabalho.

A reprodução de formas de desigualdade entre esses dois mundos é, assim, historicizado por Anzaldúa num movimento de rebeldia disposto a compreender como a situação geopolítica delinea os limites e condições para articular e erguer uma voz. Vê-se em *ALTAR. Cruzando Fronteras, Building Bridges* (2009), documentário de Paola Zaccaria e Daniele Basilio, a tessitura do poder que emana desse legado de Anzaldúa, que amorosamente vai inspirar diversas artistas chicanas

empenhadas em criar pontes entre as diferenças e contribuir com a luta pelos direitos das mulheres.

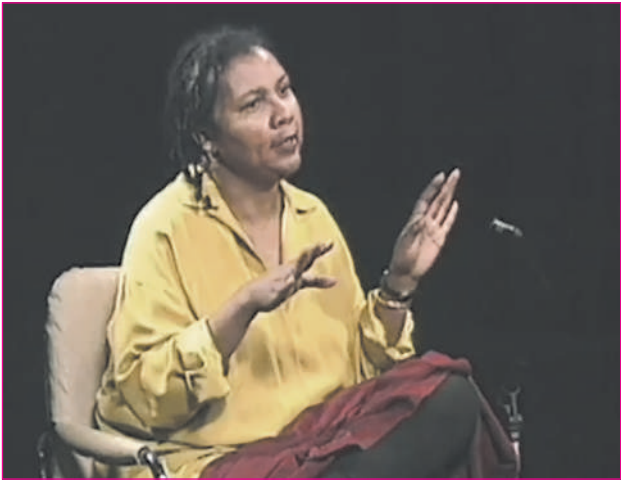
Em *Ana Mendieta: Fuego de Tierra* (1987), filme de Kate Horsfield e Nereyda Garcia-Ferraz, o retrato de vida e obra da artista cubana Ana Mendieta (1948–1985) mostra sua infância em Cuba e seus primeiros anos tumultuosos nos Estados Unidos até sua trajetória artística posterior em Nova York e no exterior. “Estou entre duas culturas”, afirmou Mendieta em entrevista a Judith Wilson, em 1980, durante o seu segundo retorno a Cuba, marcando, assim, a fronteira de pertencimento no uso de seu próprio corpo como suporte na arte ao utilizar elementos da religião afro-cubana e da natureza – esta mesma lida e relacionada pelos agenciamentos da cultura – para expressar sua visão poética e política feminista.

A teórica estadunidense bell hooks (1952-2021) se debruça centralmente em pensar questões étnico-raciais, de gênero e classe – com influências diretas da pedagogia de Paulo Freire (1921-1997) – como entrevistada no filme *Cultural Criticism and Transformation* (1997), de Sut Jhally, verificando, de tal modo, a atuação dos produtos da cultura de massa a fim de explorar a questão da representação da negritude – pela perspectiva das espectadoras – para definir o conceito de *olhar opositor* como instrumento de sua análise.

Pensando também a partir dessa noção bellhookiana enquanto gesto político e construído socialmente, *The Hearing* (2023), filme de Lisa Gerig, denuncia a objetificação de quatro pessoas requerentes de asilo rejeitadas – Pascal Onana, Victoria Innocent, J. Sael e Living Smile Vidja – por meio de exercícios de representação dos operadores hegemônicos e pela assimilação de símbolos e práxis da branquitude cisgênera no campo das imagens.



ALTAR. Cruzando Fronteras, Building Bridges



bell hooks - Cultural Criticism & Transformation



Ana Mendieta: Fuego de Tierra © Ana Mendieta



The Hearing

ALTAR. Cruzando Fronteras, Building Bridges

Daniele Basilio, Paola Zaccaria (Itália, 2009, 53') • Doc. Leg. Inglês. M/16

Terça-feira 10 outubro • Reitoria da Universidade do Porto, Casa Comum, 18h00

Um retrato visual de Gloria Anzaldúa (1942-2004), poetisa e pensadora queer chicana que cantou a vida nos territórios fronteiriços entre o México e os EUA e que criou poderosas imagens sobre mestiçagem cultural, travessia de fronteiras e sobre o estado de Nepantla. A oferenda amorosa ao seu legado toma forma na textura do ativismo das mulheres chicanas e nos centros culturais e políticos comprometidos em criar pontes entre diferenças culturais e de género.

Conversa entre Paola Zaccaria e Isabeli Santiago

Terça-feira 10 outubro • Reitoria da Universidade do Porto, Casa Comum, 19h30

Sapatão-feminista, poeta *tejana patlache*, escritora e teórica cultural, Gloria Anzaldúa (1942-2004) faz da fronteira-morada uma inédita perspectiva teórica e epistemológica, mostrando que por de trás de uma condição geográfica há uma condição existencial. Autora multifacetada que recusa ser enquadrada em um único marcador identitário, Anzaldúa propõe novas formas de comunidade (*el mundo zurdo*), tornando-se referência na construção do pensamento decolonial latino-americano e interseccional. Pensar Gloria Anzaldúa é urgente e, por isso, o Queer Porto convida a curadora brasileira Isabeli Santiago para conversar com a professora e escritora italiana Paola Zaccaria, responsável pela tradução para o italiano do livro *Borderlands / La Frontera: The New Mestiza* (1987) de Anzaldúa, o qual não foi ainda traduzido para o português de Portugal.

Ana Mendieta: Fuego de Tierra

Kate Horsfield, Nereyda Garcia-Ferraz (EUA, 1987, 49') • Doc. Leg. Inglês. M/16

Quarta-feira 11 outubro • Reitoria da Universidade do Porto, Casa Comum, 18h00

A performer e escultora Ana Mendieta (1948-1985) fazia recurso das matérias-primas da natureza: água, lama, fogo, pedra e erva. Baseando-se no poder espiritual cru da religião afro-cubana, Mendieta usou a sua arte como uma atividade ritualística e simbólica para celebrar as forças da vida e o continuum da mudança. Uma silhueta do seu próprio corpo inserida na terra enfatiza as relações entre os dois corpos: o feminino e o terrestre.

Sessão Especial

bell hooks: Cultural Criticism & Transformation

Sut Jhally (EUA, 1997, 66') • Doc. Leg. Português. M/16

Sábado 14 outubro • Batalha Centro de Cinema, Cafeteria & Bar, 17h00

bell hooks é uma das mais inteligíveis intelectuais no panorama cultural norte-americano. Neste vídeo em duas partes, exaustivamente ilustrado com muitas das imagens analisadas, ela apresenta uma forte argumentação sobre o poder transformador da crítica cultural. Na Primeira Parte, hooks discute as fundações e posicionamentos teóricos que informam o seu trabalho (tais como os motivos por detrás das representações, assim como o seu poder na vida social e cultural). hooks explana também sobre a sua insistência no uso da frase “patriarcado capitalista supremacista branco” para descrever os sistemas de dominação cruzados que definem a nossa realidade. Na Parte Dois, ela demonstra a importância da análise cultural através de análises concretas a sujeitos como o caso OJ Simpson, Madonna, Spike Lee, e o Gangsta rap. Ela argumenta que o objetivo da análise cultural deve ser a produção de testemunhas esclarecidas – um público engajado com as representações da vida cultural, de forma elucidada e vigilante.

The Hearing

Lisa Gerig (Suíça, 2023, 81') • Doc. Leg. Inglês. M/16

Quinta-feira 12 outubro • Reitoria da Universidade do Porto, Casa Comum, 18h00

Quatro requerentes de asilo cujos pedidos foram rejeitados, revivem a audiência sobre as razões que os levaram a fugir dos seus países de origem e questionam a própria essência do processo de asilo.

Conversa com a Sra. SEIM Isabel Almeida Rodrigues

Quinta-feira 12 outubro • Reitoria da Universidade do Porto, Casa Comum, 19h30

Uma mulher nigeriana, um homem dos Camarões, uma mulher trans do Sri Lanka e um jovem afegão são os sujeitos reais do documentário *The Hearing*. O seu futuro e em larga medida a sua sobrevivência dependem da sua habilidade em contar a história da sua vida. O seu futuro depende do seu talento em transformar a sua realidade numa ficção convincente para os burocratas que os escutam, num dispositivo de poder que lhes é completamente estranho e hostil. Estes sujeitos personificam várias das muitas rotas migratórias daqueles e daquelas que procuram uma vida digna na Europa, fugidos da pobreza, da perseguição política e policial em razão da sua ideologia ou sexualidade. Com o Mar Mediterrâneo e a Costa Atlântica de África transformados em cemitérios, que papel tem e deverá ter a União Europeia no salvamento, acolhimento e integração destas populações? O que está a falhar e o que se perspetiva para o futuro? Para nos falar sobre estas e outras problemáticas sobre migrações, o Queer Porto recebe a Sra. Secretária de Estado da Igualdade e Migrações, Isabel Almeida Rodrigues.

Conversa entre Hannah Bastos e Hilda de Paulo

Sábado 14 outubro • Batalha Centro de Cinema, Cafeteria & Bar, 18h15

O livro “Tudo do Amor”, da pensadora das encruzilhadas bell hooks, publicado recentemente pela Orfeu Negro, é o ponto de partida para esta conversa entre a escritora Hannah Bastos e a curadora Hilda de Paulo, a qual abordará reflexões críticas acerca dos modos de subjetivação da sociedade capitalista, entre outros tópicos. Ao longo de sua trajetória, hooks entrelaçou variados temas em suas inúmeras obras, dentre eles: educação e práticas pedagógicas, crítica cultural, amor, autoestima e espiritualidade, pertencimento, ética feminista, dinâmicas de raça, género e classe. Evocar bell hooks é imaginar que toda gente pode viver num mundo de possibilidades, onde o amor é visto como uma prática diária.

Retrospetiva: “No Present. No Future. No Wave.”

“No Present. No Future. No Wave.”

João Ferreira

Diretor Artístico do Queer Porto

O apagão de julho de 1977, que durou pouco mais de 24h, revelou os enormes problemas sociais e, em particular, as crescentes tensões raciais da cidade de Nova Iorque. Uma falha elétrica que em minutos deu lugar a motins e a roubos a estabelecimentos comerciais, no que muitos analistas não leram como crime, mas antes como um protesto orgânico e espontâneo, precisamente fruto de um acumular de tensões sociais e raciais. Dois anos antes, em 1975, a cidade havia declarado bancarota, com o sistema bancário e o próprio Presidente Gerald Ford a recusarem o financiamento à cidade ou o perdão da sua dívida. Em finais da década de 1970, Nova Iorque perde mais de um milhão de habitantes, consequência da insegurança, mas também do declínio da indústria, que deixa a classe operária sem trabalho. Uma devastação largamente documentada no cinema desse período em filmes como *Empty Suitcases* (1980), de Bette Gordon, onde, ao cenário de ruínas, a realizadora junta uma visão amarga e bélica contra o patriarcado e o sexismo. O desencanto de um tempo parado, sem presente e sem futuro, foi igualmente plasmado numa das outras obras cinematográficas emblemáticas desse tempo, o *Guerillère Talks*, de Vivienne Dick (1978). Uma década de progressivo abandono de apartamentos, espaços comerciais e armazéns, numa cidade que, em contraciclo, florescia como epicentro contracultural, palco de novas experiências no cinema, na performance, nas letras ou nas artes visuais, Nova Iorque assiste à chegada de inúmeros artistas e *outcasts*, atraídos não apenas pelos baixos preços do arrendamento – ou mesmo a possibilidade de *squatting* – e custo de vida, mas igualmente pelo florescimento de uma comunidade artística e queer onde tudo parecia possível.

É sob este cenário que emerge, naquele que é o epicentro artístico e queer da cidade, a baixa de Manhattan, o movimento musical punk-rock, que ocupa os palcos do emblemático CBGB, do Mudd Club, ou do Max’s Kansas City, este último onde Debbie Harry trabalhara como empregada de mesa antes de ser uma das protagonistas desta mesma corrente musical. O termo “no wave” aparece assim associado à música, mais especificamente ao rock experimental dos Mars, banda formada em 1975.

Amos Poe, realizador que em 1976 assina *The Blank Generation*, considerada uma obra pioneira de um chamado “cinema punk”, vê nesta janela temporal entre o fim da Guerra do Vietname (1975), e a primeira eleição presidencial de Ronald Reagan (1980), um período de enorme niilismo, tal como o relata no documentário *Blank City* (2010), de Celine Danhier. Uma conjuntura política, social e demográfica que abriu espaço a uma enorme liberdade criativa e de costumes, a uma vontade de quebrar com o passado e criar algo de novo. Este “cinema punk” que começa a surgir na época é, mais tarde, em maio de 1979, teorizado e cunhado como “cinema no wave”, num famoso artigo do *Village Voice*, assinado por Jim Hoberman, “No Wavelength: The Para-Punk Underground”. Pelo uso da negativa, um cinema que é definido por aquilo que não é. Escreve Hoberman: “Ligados intimamente às bandas *no wave* da arte-punk local, estes cineastas fazem um paralelo com a energia, iconografia, e estética agressiva acessível-a-qualquer-um desta música, fazendo uso dos músicos em si como uma espécie de fonte imediata de talento dramático.” Músicos como Jennifer Miro (the Nuns), Arto Lindsay (DNA) ou Gordon Stevenson (Teenage Jesus and the Jerks), todos eles se tornam atores. Terreno perfeito para um conceito transversal a todo este cinema: a não-manipulação de emoções.

É desta íntima relação com a música que Lydia Lunch, na altura vocalista dos Teenage Jesus and the Jerks, se torna numa das atrizes-fetice do movimento, não sendo possível falar do cinema *no wave*, ou sequer da contracultura nova-iorquina da década de 70 e inícios de 80, sem perceber como ela moldou ambas, como bem o demonstra o documentário *Lydia Lunch: The War Is Never Over* (2019), de Beth B. Lunch é também a prova de como em larga medida foram as mulheres que moldaram o cinema *no wave*. À frente das câmaras, também a fotógrafa Nan Goldin protagoniza uma expressiva parte do cinema da realizadora Vivienne Dick, ou a atriz Patti Astor, que se estreou num dos filmes pioneiros do *no wave*, *Unmade Beds* (1976), de Amos Poe.

O *no wave* tira enorme partido do surgimento, na década de 1970, das novas câmaras super-8 com som síncrono. Apesar de o documentário ter sido, ao princípio, o género de eleição, rapidamente estes cineastas abraçam a narrativa, embora sempre com esse lado de *cinéma vérité*, quer pelo uso de não-atores, quer pelo espaço deixado à improvisação de situações e cenários. Lydia Lunch fala de uma permanente “possibilidade semi-documental” omnipresente nestes filmes; ou como afirma Debbie Harry, “a nossa vida em si já era um filme, na altura”, em declarações de ambas no citado *Blank City*. Há também o assumir de uma ideia de amadorismo, em que qualquer artista abraça uma diferente disciplina, saltando do cinema para a música, ou

o seu caminho inverso, passando pela fotografia e outras artes visuais, sem qualquer formação técnica nessas áreas. Há um sentido do imediato, da captura do momento, não apenas manifesto nos rápidos tempos de rodagem, mas na própria montagem e na sua exibição pública. O New Cinema, sala situada na St. Marks Place de Manhattan, é onde os filmes são exibidos, uma sala gerida pelos próprios criadores do *no wave*, o que concluiu de forma célere todo o ciclo de um filme.

Da vontade de criar algo de novo, este movimento rejeita em certa medida um formalismo estético do cinema de vanguarda da altura, ligado que estava já ao mundo da arte e à lógica económica, tomando antes como referência realizadores como Jack Smith, Shirley Clarke, os irmãos Mekas ou Robert Frank, indo também beber ao cinema europeu, nomeadamente francês e italiano, de nomes como Godard, Bresson, Antonioni ou Pasolini.

Precisamente a abrir o seu artigo, Hoberman escreve: “Se os filmes da vanguarda dos anos 60 eram frequentemente orgias deslocadas, os novos filmes em super-8 são rodados com fantasias de castigo e vingança.” E essa vertente política radical é uma marca forte no cinema *no wave*. Eric Mitchell realiza o seu primeiro filme, *Kidnapped*, em 1978, um exemplo da vertente mais política radical e anárquica do *no wave*, com claros apelos ao terrorismo. Um estilo seguido de perto pelo casal Scott B e Beth B em *Black Box*, de 1979, onde um homem é mantido cativo, nu, e sujeito a uma tortura de sons, por uma mulher, interpretada por Lydia Lunch. A caixa de tortura manipulada por Lunch é baseada num instrumento usado pelo exército americano no Vietname e que foi descrito, na altura, pela Amnistia Internacional. Uma exploração da violência não apenas no plano político, mas no pessoal, expressa, por exemplo, em *She Had Her Gun All Ready* (1978), de Vivienne Dick, também ele um jogo de poder e submissão, protagonizado de novo por Lunch e pela própria realizadora, e que tem uma espécie de posfácio poético em *Staten Island* (1978), também de Vivienne Dick. Na sua obra deste período, dentro da mesma lógica, Dick aborda questões de abuso sexual de menores e violação de mulheres em outras duas obras emblemáticas, *Beauty Becomes the Beast* (1979) – que é também já sobre a questão da gentrificação –, e *Liberty’s Booty* (1980), a primeira protagonizada por Klaus Nomi e a segunda por Nan Goldin, que interpreta uma dona de bordel.

Mas a reflexão sobre a arte, o processo criativo e a estética são também de alguma forma transversais ao cinema *no wave*. Nesse aspeto, não deixa de ser pertinente recordar mais uma passagem do artigo citado do *Village Voice*, onde, a propósito do universo de referências dos cineastas *no wave*, Hoberman faz uma analogia entre o camp – que tanto marcou o cinema experimental de 60 e inícios de 70 – e o punk: “A subcultura de vanguarda do camp era o homossexual; a do punk é o adolescente urbano alienado. A estrela secreta do camp é a transformista; o monstro sagrado do punk é a dominatrix. O camp estava obcecado com a sexualidade enquanto estilo; o punk está obcecado com a estética da violência.” Pode parecer uma vez mais uma analogia e referência pela negativa por parte do *no wave*, mas não deixa de ser curioso que um dos mais representativos títulos do movimento seja o *Rome ’78* (1978), de James Nares, que faz de forma brilhante a ponte entre o camp e o punk, revelando-nos uma inusitada proximidade entre os dois fenómenos estéticos e políticos.

Até porque de uma comunidade artística se tratava, em larga medida idiossincrática nas suas origens, interesses e preocupações presentes e futuras, por duas vezes Vivienne Dick olhou para dentro dessa comunidade, em particular para as suas mulheres. Em *New York Conversations*, de 1990, temos o privilégio de um relato desse mesmo presente. Um conjunto de conversas francas sobre temas que vão da música à inseminação artificial, ou onde um homem gay fala da necessidade de acabar com etiquetas de género e onde, numa exposição brutalmente honesta, Nan Goldin fala da sua hospitalização e relação com as drogas. Trinta anos depois, em 2020, Dick assina *New York Our Time*, o seu regresso à cidade para reencontrar muitos destes protagonistas da sua comunidade artística de então, num filme que olha para a gentrificação e o fim de uma era.

Apesar de muitos destes realizadores do *no wave* terem progredido no cinema bem entrados nas décadas de 80 e seguintes, o crescimento económico da cidade de Nova Iorque na entrada dos anos 1980 começa a alterar o cenário político, social e cultural que serviu de gatilho ao movimento. Ainda assim, há uma bolha de resistência. Nesse ato de resistência, é criado o chamado “cinema de transgressão” – herdeiro direto do *no wave* e que se confunde com ele –, num manifesto assinado por, entre outros, Nick Zedd, cujo filme *They Eat Scum* (1979) é visto como um ponto de viragem entre os dois movimentos. Menos focado no niilismo descrito por Amos Poe, o cinema de transgressão volta-se para a violência e a sexualidade numa atitude de ação direta. Contra o capitalismo, a extrema-direita e a ameaça nuclear, o cinema de transgressão conseguiu ainda entrar pelos anos da epidemia da sida e deixar a sua marca em toda a década de 80, não deixando de ser curioso este quase último suspiro, antes de o VIH/sida ter vindo a alterar para sempre a forma como se representa a sexualidade no ecrã.

A Skinny Little Man Attacked Daddy

Vivienne Dick (Reino Unido, 1994, 23') • Doc. Curto. Leg. Português. M/16

Sexta-feira 13 outubro • Batalha Centro de Cinema, Sala 2, 15h00

“Os filmes que faço são sobre a minha vida e as pessoas que me rodeiam. Quero despertar o Eu destemido. *A Skinny Little Man Attacked Daddy* é um olhar sobre a família e o lugar onde cresci. Muito do que sou ‘eu’ deriva das atitudes, expetativas, medos, hábitos e crenças que herdei dos meus pais (e eles, por sua vez, dos deles). Este vídeo é sobre a minha separação da família. O meu trabalho é tentar conhecer-me – a única forma de mudar os padrões que herdei.” (VD)

Beauty Becomes the Beast

Vivienne Dick (EUA, 1979, 41') • Curta Fic. Leg. Português. M/16

Quinta-feira 12 outubro • Batalha Centro de Cinema, Sala 2, 19h30

Um universo aleatório mediado por imagens de televisão e estilhaços da cultura popular. O filme apresenta uma Lydia Lunch que regride da idade adulta para a infância, insinuando um passado de abusos sexuais, e trata da posição da mulher como sujeito e da maneira como as mulheres vivenciam a lei patriarcal e a ordem heterossexual.

Black Box

Beth B, Scott B (EUA, 1979, 20') • Curta Fic. Leg. Português. M/16

Quarta-feira 11 outubro • Batalha Centro de Cinema, Sala 2, 17h15

Uma aterradora alegoria de repressão social, ao seguirmos o tormento de um jovem rapaz, raptado e torturado, sem qualquer culpa.

Empty Suitcases

Bette Gordon (EUA, 1980, 52') • Longa-Metragem Fic. Leg. Português. M/16

Sexta-feira 13 outubro • Batalha Centro de Cinema, Sala 2, 17h15

Fragmentos da vida de uma mulher - os seus conflitos económicos, sexuais e artísticos -, através da desconstrução de texto, falas, música e imagens. O ponto central do filme é a luta das mulheres em se posicionarem e se definirem na linguagem e na política.

Guerillère Talks

Vivienne Dick (EUA, 1978, 25') • Curta Fic. Leg. Português. M/16

Sexta-feira 13 outubro • Batalha Centro de Cinema, Sala 2, 17h15

Uma série de retratos de mulheres, todas elas associadas à cena musical e artística da *no wave*. A presença da cineasta é sentida através dos expressivos movimentos de câmara, os quais contribuem com a sua energia e intensidade para explorar noções de identidade, enquanto as performers representam-se a si mesmas.

The Irreducible Difference of the Other

Vivienne Dick (Irlanda, 2013, 27') • Curta Exp. Leg. Português. M/16

Sexta-feira 13 outubro • Batalha Centro de Cinema, Sala 2, 15h00

O que significa ser-se humano num mundo orientado para a guerra, o terror e o consumo? A atriz franco-irlandesa Olwen Fouéré tenta responder a esta questão através das personas de Antonin Artaud e da poetisa russa Anna Akhmatova. São referenciados momentos históricos chave, incluindo a oposição à guerra do Iraque, a Primavera Árabe e os recentes protestos antiausteridade, proclamando o desejo de um mundo mais equilibrado e menos centrado na exploração e na destruição.

Liberty's Booty

Vivienne Dick (EUA, 1980, 48') • Docuficção. Leg. Português. M/16

Quinta-feira 12 outubro • Batalha Centro de Cinema, Sala 2, 19h30

Uma pesquisa sobre a prostituição a partir de uma perspetiva feminina, sob uma economia tardo-capitalista. Também um documento e uma celebração de uma subcultura nova-iorquina de finais dos anos setenta. Com uma densa mistura de testemunhos reais, *cinéma vérité* e diálogos encenados, este filme examina as relações de poder e a mercantilização do corpo.

Like Dawn to Dust

Vivienne Dick (EUA, 1983, 7') • Curta Exp. Leg. Português. M/16

Sexta-feira 13 outubro • Batalha Centro de Cinema, Sala 2, 15h00

A exploração da paisagem rural irlandesa através de uma estética abertamente poética com recurso à performance, imagem e som. Lydia Lunch, com as suas inconfundíveis indumentárias e maquiagem góticas, declama um monólogo cujas palavras finais enfatizam a circularidade das narrativas irlandesas: “o passado nunca morre, apenas se repete continuamente”.

Lydia Lunch: the War Is Never Over

Beth B (EUA, 2019, 75') • Doc. Leg. Português. M/16

Sexta-feira 13 outubro • Batalha Centro de Cinema, Sala 2, 19h30

Primeira exaustiva retrospectiva documental da carreira artística da conflituosa, mordaz e sempre elétrica Lydia Lunch. Como ícone proeminente da *no wave* nova-iorquina de finais dos anos 70, Lunch forjou uma vida inteira de música e performances de *spoken word* dedicada ao direito absoluto de qualquer mulher em buscar o prazer e de gritar “foda-se!” tão alto quanto qualquer homem.



Lydia Lunch: The War is Never Over © Anders Thessing



Like Dawn to Dust



A Skinny Little Man Attacked Daddy



Empty Suitcases

New York Conversations

Vivienne Dick (Reino Unido, 1990, 21') • Doc. Curto. S/ legendas. M/16

Quarta-feira 11 outubro • Batalha Centro de Cinema, Sala 2, 19h30

Uma série de entrevistas com seis nova-iorquines que nos falam das suas vidas, medos e trabalho.

New York Our Time

Vivienne Dick (Irlanda, 2020, 79') • Doc. Leg. Português. M/16

Quarta-feira 11 outubro • Batalha Centro de Cinema, Sala 2, 19h30

Um documentário etnográfico que contrasta as preocupações da vida atual em Nova Iorque com a louca boémia da cidade nos finais dos anos 70, refletida através das vidas da comunidade de artistas, músicos e amigas da cineasta. Histórias do passado lembram uma cidade decrépita, falida e muitas vezes perigosa, onde o arrendamento era barato e a criatividade artística florescia. Ao passo em que na Nova Iorque de hoje, os reluzentes vidros dos arranha-céus refletem antes uma cidade radicalmente consumida pela gentrificação em massa.

Red Moon Rising

Vivienne Dick (Irlanda, 2015, 15') • Curta Exp. Leg. Português. M/16

Sexta-feira 13 outubro • Batalha Centro de Cinema, Sala 2, 15h00

Uma celebração do carnavalesco através da dança, da performance e da *spoken word*. Uma renovação da nossa corporificação com a Terra como resposta à crença na invencibilidade, e ao desejo do homem de dominar os planetas.

Rome '78

James Nares (EUA, 1978, 82') • Longa-Metragem Fic. S/ legendas. M/16

Quinta-feira 12 outubro • Batalha Centro de Cinema, Sala 2, 17h15

Numa Roma simulada, filmada em edifícios neoclássicos, personagens vestidas com trajes improvisados vivem uma vida romana, com intrigas políticas, engates e danças dionisiacas.

She Had Her Gun All Ready

Vivienne Dick (EUA, 1978, 28') • Curta Fic. Leg. Português. M/16

Quarta-feira 11 outubro • Batalha Centro de Cinema, Sala 2, 17h15

Tendo como cenário o Lower East Side de Nova Iorque, este psicodrama *noir* gira em torno das relações de poder entre duas amigas, onde uma é submissa à outra.

Staten Island

Vivienne Dick (EUA, 1978, 6') • Curta Exp. S/ diálogos. M/16

Quarta-feira 11 outubro • Batalha Centro de Cinema, Sala 2, 17h15

Um andrógino alienígena emerge do mar para vasculhar o lixo na praia. Esta ficção científica de baixo orçamento foi originalmente planeada como parte de um trabalho colaborativo mais longo a ser feito por um coletivo de mulheres chamado Les Guérillères – em homenagem ao livro feminista radical homónimo de Monique Wittig.



Beauty Becomes the Beast



Black Box



New York Conversations



Rome '78

Calendário de Sessões

	Terça 10 Tuesday	Quarta 11 Wednesday	Quinta 12 Thursday	Sexta 13 Friday	Sábado 14 Saturday
	Batalha Centro de Cinema - Sala 1				
17h00	The Last Year of Darkness	A Hawk as Big as a Horse	The Last Year of Darkness	Kenya	Feminism WTF
19h15	A Hawk as Big as a Horse	Dos Estaciones	Des garçons de province	La Amiga de Mi Amiga	Un Prince
21h30	Noite de Abertura Tudo o que Você Podia Ser	Kenya	Vicente Ruiz - A Tiempo Real	Carvão	Noite de Encerramento Commitment to Life
	Batalha Centro de Cinema - Sala 2				
15h00		Prémio Casa Comum 1	Prémio Casa Comum 2	A Skinny Little Man Attacked Daddy + outros	
17h15		Black Box + She Had Her Gun All Ready + Staten Island	Rome '78	Empty Suitcases + Guerillère Talks	
19h30		New York Conversations + New York Our Time	Beauty Becomes The Beast + Liberty's Booty	Lydia Lunch: The War Is Never Over	
	Batalha Centro de Cinema - Cafeteria & Bar				
17h00					bell hooks: Cultural Criticism & Transformation
18h15					Conversa com Hannah Bastos
22h00				Music Is My Boyfriend	
	Reitoria da Universidade do Porto - Casa Comum				
18h00	ALTAR. Cruzando Fronteras, Building Bridges	Ana Mendieta: Fuego de Tierra	The Hearing		
19h30	Conversa com Paola Zaccaria e Isabeli Santiago		Conversa com Isabel Almeida Rodrigues (SEIM)		
	Festas				
	Opening Party Bar of Soap (22h-02h)				Closing Party Maus Hábitos (00h-06h)

■ Competição Oficial | Official Competition ■ Prémio Casa Comum | Casa Comum Award ■ Sessões Especiais | Special Screenings ■ Retrospectiva | Retrospective
■ Queer Focus ■ Conversas | Talks ■ Festas | Parties

Festas

Opening Party

Terça-feira 10 outubro • Bar of Soap (Rua do Bolhão 132), 22h-02h

Entrada Gratuita

Celebramos o arranque do Queer Porto 9 no Bar of Soap, paragem obrigatória para a comunidade LGBTQI+ da cidade do Porto. Um ambiente convidativo, relaxado e divertido, ideal para ganhar fôlego para os dias de festival pela frente e trocar sugestões sobre os filmes a não perder!

Closing Party

Sábado 14 outubro • Maus Hábitos (Rua Passos Manuel 178, 4º), 00h-06h

Preço: 7€ (disponíveis apenas à entrada)

Line up: Chicks on Cheeks + ONIO + LAVA (Dj set)

Dos ritmos descontraídos e ecléticos das Chicks on Cheeks, passando pelas paisagens sonoras berlinenses de ONIO e culminando com as batidas queer afrofuturistas transportadas por LAVA, a 9ª edição do Queer Porto celebra uma vez mais a diversidade e o potencial de uma comunidade que detém a energia da mudança e da transformação.



LAVA (Dj set)

CINEMA LGBTQ+ COM YOTEL

YOTEL PORTO ASSOCIA-SE AO FESTIVAL DE CINEMA PELO TERCEIRO ANO CONSECUTIVO

O YOTEL Porto é parceiro, pelo terceiro ano consecutivo, do festival de cinema LGBTQ+ 'Queer Porto'.

O hotel, estrategicamente localizado no coração da invicta, na Rua de Gonçalo Cristóvão, é reconhecido como um espaço jovem e aberto à comunidade.

O YOTEL Porto acompanha a dinâmica da cidade, com serviços disponíveis 24h/7 e uma agenda cultural regular. O hotel é composto por 150 quartos, inspirados em viagens de primeira classe, que reúnem elementos essenciais dos hotéis de luxo com o design de espaços pequenos e inteligentes.

Conta com uma zona social e de convívio flexível, o Komyuniti, onde é possível trabalhar, reunir com colegas, desfrutar de uma refeição ou de uma noite bem passada entre amigos.

Oferece ainda um ginásio no piso térreo, salas para reuniões e eventos e um rooftop. Os seus simpáticos robôs, a Yolinda e o Yogiro, estão sempre à disposição para ajudar e entregar tudo o que os clientes precisam, à porta do quarto.

Rua de Gonçalo Cristóvão 206, 4000-265 Porto
por.reservations@yotel.com | yotel.com/porto
214 829 191